

JENNIFER ARMENTROUT

# CONFIA EM MIM

Tradução de Clara Caldeira

5 SENTIDOS

# Capítulo 1

Jase Winstead era um sacana cruel.

Ter aula de Introdução à *Astrogaita* era a última coisa que queria estar a fazer às nove horas da manhã, sobretudo porque me lembrava a primeira vez que frequentara as aulas do professor Drage e porque desistira, de forma imprevista e inesperada, no meu ano de caloiro, pelo que dispensava as mensagens sarcásticas de Jase sobre aulas antes do meio-dia fazerem mal à saúde.

Tendo em conta que estava com, sei lá, duas horas de sono, e que ainda conseguia sentir o gosto da tequila e de outras coisas da noite anterior em que não queria nem pensar, naquele momento eu era a imagem perfeita do que *não* fazer para ter um primeiro dia de aulas normal.

Observei a porta da aula de Astronomia fechar-se e depois lancei um olhar para o telemóvel. A mensagem de Jase gozava comigo:

«Balda-te. Tenho cerveja. *Xbox. Fifa 13.*»

Bem, aquilo era muito tentador. O Ollie tinha destruído a nossa *Xbox* no fim de semana anterior, numa jogatana de *Call of Duty*.

Estava uns minutos atrasado para a aula.

Astronomia ou futebol na *Xbox*? Não era propriamente um dilema complicado.

Decidido, dei meia-volta e comecei a responder a Jase quando as portas duplas se abriram de rompante, como se um tornado as tivesse forçado. Levantei a cabeça de repente, mesmo a tempo de ver qualquer coisa pequena e vermelha vir direita a mim a toda a velocidade.

Não havia forma de evitar a colisão.

Um pequeno corpo embateu contra mim e fez ricochete, os braços a balançar como os de alguém a afogar-se. A mala, que parecia pesar mais do que a sua proprietária, fê-la desequilibrar-se ainda mais.

Por instinto, atirei-me para a frente, largando a minha própria mochila e enlaçando a rapariga pela cintura, mas não evitei que a mala dela fosse para um lado e tudo o que estava lá dentro, para o outro. Ela continuou a cambalear, fazendo lembrar um daqueles bonecos insufláveis. Agarrei-a com mais força, segurando-a antes que se magoasse a sério. Endireitou-se com uma sacudidela. O cabelo, de um acobreado forte, voou para a frente, batendo-me no rosto. Um aroma a frutos vermelhos e a algo agradável e almiscarado invadiu-me.

Caramba, a Docinho de Morango atropelou-me!

Soltei um riso abafado e enfiei o telemóvel no bolso, prestes a libertá-la, mas a rapariga ficou hirta. Parecia que todos os seus músculos tinham enrijecido. Por mais pequena que fosse (mal me dava pelos ombros), parecia ter diminuído de repente. Estaria ferida?

E teria confundido Sheperd com uma escola de terceiro ciclo?

– Eh lá! – disse. – Estás bem, querida?

Nenhuma resposta durante meio minuto, o que me deixou realmente preocupado. Depois, ela inspirou fundo, com intensidade, fazendo o peito inchar, ruborizado, contra o meu. Paralisei ao sentir-lhe as curvas. Definitivamente, não era nenhuma aluna do terceiro ciclo, a não ser que agora se desenvolvam mais depressa do que no meu tempo. Bem, se for esse o caso, aqueles rapazolas têm uma sorte dos diabos.

Boa, agora precisava de um duche, porque até só pensar nisso me perturbara. Ainda estaria bêbado da noite anterior? Era bem possível.

– Ei! – Tentei outra vez, em voz mais baixa. – Estás bem?

Como voltei a não obter resposta, pressionei-lhe o queixo com dois dedos. A pele era macia e muito fresca. Perguntando-me se seria possível alguém desmaiar e continuar de pé, levantei-lhe a cabeça com cuidado, a fim de repetir a pergunta; no entanto, as minhas palavras perderam-se algures no trajeto entre o cérebro e a boca.

Pestanejei porque, como o parvalhão absoluto que sou, achei que isso mudaria o que estava a ver. Não que eu desejasse qualquer alteração, mas *bolas*...

Qual é o gajo que não tem um fraquinho por uma ruiva?

«Bonita» era uma palavra pobre para a descrever. Os olhos eram grandes e de um castanho-claro quente, a cana do pequeno nariz pontuada por sardas e as faces, bem definidas. Os lábios, cheios e carnudos, eram cor de cereja brava. O tipo de lábios que podiam levar um homem à...

– Larga-me.

A dureza da voz dela, misturada com maldisfarçado pânico, fez com que lhe largasse o braço de imediato e desse um cauteloso passo atrás.

Oscilou ligeiramente ao perder o apoio, e quase me aproximei dela outra vez, mas prezo muito a integridade física dos meus genitais. Gostava de um dia vir a ser pai, e tive a sensação de que, se lhe tocasse outra vez, essa deixaria de ser uma opção.

Retirando as madeixas grossas de cabelo da cara, afastou-se com cuidado. Pestanas espessas manchadas de vermelho ergueram-se e, por um instante, nenhum de nós se mexeu; ela dirigiu o olhar para o meu rosto, baixando-o de seguida. A miúda estava a tirar-me as medidas de forma ostensiva.

Talvez os meus genitais não estivessem em perigo.

Uma bonita mancha vermelha espalhou-se pelas suas faces.

– Desculpa. Estava com pressa para chegar à aula. Estou atrasada e...

Abri um sorriso rasgado e ajoelhei-me para recolher as coisas espalhadas. Como é que uma miúda pode ter tantas canetas é algo que me ultrapassa. Azul. Roxo. Preto. Vermelho. Laranja. Que raio? Quem é que escreve com cor de laranja?

– Não precisas de me ajudar.

– Não custa nada. – Apanhei um pedaço de papel que afinal era o horário. Dei uma olhadela rápida às cadeiras, confirmando que era uma caloireira.

– Introdução à Astronomia? Também vou para lá.

Portanto, o Jase, a cerveja e o *Fifa 13* teriam de esperar.

– E atrasaste-te por minha causa. – Ela ainda estava a esconder-se por trás do cabelo. – Sinto muito.

Apanhei o último caderno do chão, enfiei-o na mala e pus-me de pé. Entreguei-lha, esperando que olhasse para cima. Não sei porquê (chamem-me menino da mamã), mas gosto de ver as minhas miúdas sorridentes e não à beira das lágrimas.

– Não faz mal. Estou habituado a que as raparigas me caiam nos braços. – Levantou um pouco o queixo, e o meu sorriso aumentou ainda mais. – Tentarem saltar-me para a espinha é que nunca tinha acontecido. Mas até gostei.

Levantou a cabeça subitamente e todo aquele cabelo deslizou para trás.

– Não tentei nem saltar-te para a espinha, nem atirar-me a ti.

– Ai, não? – O meu telemóvel vibrou. Ignorei-o. – Bom, é pena. Caso contrário, este teria sido o meu melhor primeiro dia de aulas de sempre.

Estudava-me enquanto segurava a mala junto ao peito, e olhei para o pedaço de papel que tinha na mão.

– Avery Morgansten?

– Como é que sabes o meu nome? – perguntou, de forma abrupta.

Ui, que coisinha sensível!

– Está no teu horário.

– Ah, pois. – Afastou o cabelo da cara, e notava-se-lhe um ligeiro tremor na mão ao estendê-la para receber o horário.

Quando eu era pequeno, a minha mãe dizia que eu tinha uma queda para os desfavorecidos. Pombos feridos. Cães de três patas. Porcos escanzelados. A minha irmã era igual. Tínhamos um sexto sentido no que tocava a encontrá-los; eu podia não saber nada acerca desta miúda, exceto que era caleira e que se sentia obviamente desconfortável. Era evidente que começara o dia com o pé esquerdo, e, portanto, tive pena dela.

– Chamo-me Cameron Hamilton – apresentei-me. – Mas toda a gente me trata por Cam.

Moveu os lábios como se estivesse a repetir o meu nome, e eu nem desgostei do efeito.

– Mais uma vez, obrigada, Cam.

Dobrei-me, apanhei a minha mochila e pu-la ao ombro. Tirei o cabelo da cara e sorri daquela maneira especial que por norma me fazia levar a água ao meu moinho.

– Bem, vamos então à nossa entrada triunfal.

Tinha avançado até à porta da aula quando me dei conta de que ela não se mexera. Olhei por cima do ombro, franzi o sobrolho e vi-a recuar.

– Estás a ir na direção errada, querida.

– Não consigo – murmurou.

– Não consegues o quê? – perguntei, encarando-a.

Os olhos de Avery cruzaram-se com os meus por um segundo; depois, deu meia-volta e desatou a correr. A mala a bater-lhe na anca, o cabelo a voar como se fosse uma capa. A miúda corria depressa. Fiquei aparvalhado.

Que raio tinha acontecido?

A porta abriu-se atrás de mim, e uma voz funda, com um ligeiro sotaque, questionou:

– Senhor Hamilton, vai juntar-se a nós hoje?

Ora, bolas. Fechei os olhos.

– Ou está a pensar ficar aí no corredor o resto do tempo? – inquiriu o professor Drage.

Suspirando, voltei-me.

– Como é óbvio, vou à aula.

– Como é óbvio – repetiu o professor, segurando uma pilha de papéis agrafados. – Aqui tem o programa.

Peguei num conjunto, e depois, pensando melhor, agarrei noutro, não fosse Avery Morgansten dar as caras outra vez.

Jase encostou-se ao porta-bagagens da minha carrinha e passou a mão pelo cabelo castanho, afastando-o da testa reluzente.

– Está um calor do caraças.

Para final de agosto, estava sufocante. Nem mesmo a sombra dos grandes carvalhos que cercavam o parque de estacionamento do outro lado do White Hall davam algum alívio. Estava com medo de abrir a porta da sauna em que se transformara o meu veículo.

– Agora é que disseste bem. – Ollie olhou de esguelha para as árvores. – Está tanto calor que a única solução é andar nu.

Olhei para ele.

– Já estás nu o suficiente, meu.

Ollie olhou para si próprio e abriu um grande sorriso. Não tinha *T-shirt*, usava calções descaídos e chinelos de enfiar no dedo. Nada mais.

– Sabes muito bem que podia despir-me ainda mais.

Infelizmente era verdade. Partilhávamos um apartamento com três quartos em University Heights há três anos. Ao fim da primeira semana, Ollie já não fazia cerimónia. Já lhe tinha visto o material mais vezes do que as necessárias. Acabava o curso na primavera; ia sentir falta daquele idiota.

– A multa. – Jase acenou com a cabeça na direção do para-brisas, onde fora habilmente colocado um papelinho creme.

Suspirei e olhei para o que me indicava. O parque de estacionamento estava reservado ao pessoal, mas, dada a falta de estacionamento naquelas bandas, desenrascava-me com qualquer lugar que encontrasse.

– Vou juntá-lo à minha coleção.

– Que é gigante. – Ollie tirou um elástico do pulso e apanhou o cabelo loiro que lhe dava pelos ombros num rabo de cavalo. – Então, festa hoje lá em casa?

Ergui o sobrolho.

– Hã?

Jase sorriu ao cruzar os braços sobre o peito.

– É uma festa de regresso às aulas. – Ollie espreguiçou-se, estalando as costas ao bocejar. – Só um pequeno convívio.

– Oh, céus.

O sorriso de Jase alargou-se e tive vontade de lho arrancar da cara. A última vez que Ollie promovera «um pequeno convívio» nem nos conseguíamos mexer dentro do apartamento. É possível que até a polícia tenha lá estado.

– Encomenda piza. Preciso de... – Ollie interrompeu a frase e voltou-se para observar uma morena boazona que passava. Num abrir e fechar de olhos, largou a nossa conversa e já estava com o braço sobre o ombro da rapariga. – Ei, miúda, olá.

A rapariga soltou uma risadinha e pôs o braço à volta da cintura de Ollie.

Voltei-me, levantando as mãos.

– De que é que precisas?

– Uma causa perdida. – Jase revirou os olhos. – Aquele sacana tem olhos na nuca no que toca a miúdas.

– Verdade, verdadinha.

– Como é que ele consegue ter sexo regularmente ultrapassa-me.

– É o maior mistério desta vida. – Avancei para a parte da frente da carrinha, agarrei na multa, e abri a porta do condutor. O calor bateu-me na cara. – Caramba.

Jase inclinou-se para mim.

– O que é que se passou contigo hoje? Não me respondeste. Pensei que te tinha fígado com o *Fifa*.

– Oh, sentiste a minha falta? – Tirei a *T-shirt* de repelão, enrolei-a e atirei-a para dentro da carrinha.

– Talvez.

A rir, apanhei o boné do banco e pu-lo na cabeça, encobrindo os olhos.

– Não sabia que namorávamos.

– Agora feriste os meus sentimentos.

– Pago-te uma cerveja da próxima vez que sairmos.

– Pode ser. Sou fácil.

Sorri abertamente.

– E eu não sei?

Jase deu uma gargalhada ao voltar-se, apoiando os braços sobre o rebordo da caixa aberta da carrinha. No entanto, o seu sorriso bem-disposto desvaneceu-se ao colocar os óculos de sol. Conhecia aquela expressão. Não augurava nada de bom. Poucos sabiam como a vida de Jase se podia tornar complicada. Era fácil imaginar o contrário, já que ele estava sempre disponível para solucionar os problemas dos outros, incluindo os meus.

Liguei a ventilação e fechei a porta, e depois juntei-me a ele ao lado da carrinha. Senti o metal quente nas axilas, quando me inclinei para alongar as pernas.

– O que se passa?

Uma sobrançelha escura elevou-se sobre o aro dos óculos.

– Vais para o ginásio ou assim?

– Estava a pensar nisso. – Mudei de perna de apoio, distendendo os músculos. – Queres vir comigo?

– Não – respondeu. – Tenho de passar pela quinta, tratar de umas coisas.

– Como está o Jack?

Um grande sorriso atravessou o rosto de Jase, fazendo uma jovem professora que ia a passar tropeçar nos saltos altos.

– Está ótimo – respondeu, exibindo o ar alegre que lhe era habitual quando falava no irmão. – Disse-me ontem que, quando crescer, quer ser como o Chuck Norris.

Desatei a rir.

– Não há como correr mal.

– Claro que não. – Observou-me cuidadosamente, sobre as lentes dos óculos escuros. – E tu, como é que estás?

– Estou fixe. – Afastei-me, tirando as mãos da barra de metal. – Porque perguntas?

Jase encolheu os ombros.

– Curiosidade.

Aquele género de comentário costumava chatear-me, embora em certas ocasiões não me afetasse por aí além. Felizmente para Jase, estávamos num desses dias.

– Não estou prestes a acabar numa esquina a murmurar «para sempre». Está tudo na boa.

– É bom saber. – Jase abriu um largo sorriso ao afastar-se, a cabeça voltada na direção em que a jovem professora fora. – Festa em vossa casa, certo?

– Porque não? – Comecei a avançar para o lado do condutor. – Tenho a certeza de que metade do *campus* vai lá estar.

– Pois é. – Jase rodou sobre os calcanhares. – Até logo.

Entrei no habitáculo arrefecido e saí do parque de estacionamento. Precisava de arrastar o meu rabo preguiçoso para o ginásio, embora realmente estivesse com vontade de ir dormir uma sesta no sofá.

Ao virar à esquerda no sinal de Stop, passava pelas casas das

repúblicas quando uma bola de futebol voou, batendo na parte de trás da cabeça de um rapaz. A rir-me da cena, estiquei-me para...

Algo *vermelho*.

Os meus olhos, como mísseis detetores de calor, sondaram em redor à procura e, de repente, o meu olhar focou-se. Seria a Docinho de Morango?

Uma árvore tapou-me a vista por um segundo e depois a mancha vermelha reapareceu, com a luz do sol a incidir sobre a enorme pulseira à volta do seu pulso. Caramba, era mesmo ela!

Nem tive de pensar duas vezes no que fazer a seguir. Sorridente, voltei o boné para trás e guinei, bloqueando a estrada.

Avery deu um salto para o passeio, os seus olhos muito abertos. Quando carreguei no botão da janela do passageiro, fazendo o vidro descer, ficou espantada.

Fiz um sorriso rasgado, contente por verificar que a Docinho de Morango tinha sobrevivido ao seu primeiro dia.

– Avery Morgansten, encontramos-nos novamente.

Olhou em volta, como se pensasse que eu estava a falar com outra pessoa.

– Cameron Hamilton.... Olá.

Inclinei-me para a frente, apoiando um braço sobre o volante. Ela estava amorosa ali em pé, a mexer com nervosismo na pulseira.

– Temos de deixar de nos encontrar assim.

Mordiscando o lábio inferior carnudo, baixou o olhar, concentrando-se na minha tatuagem, enquanto oscilava entre um pé e o outro.

A Docinho de Morango era, sem dúvida, a imagem perfeita da atrapação. Talvez por ter uma irmã mais nova, senti uma necessidade intensa de a tranquilizar, embora aquilo comesse a parecer uma batalha perdida.

– Tu esbarrares contra mim, eu quase te atropelar – tagarelei.  
– É como se fôssemos uma catástrofe eminente.

Silêncio.

Está bem, vamos lá tentar outra vez.

– Para onde vais?

– Para o meu carro – disse, provando que era capaz de falar.

– Estou quase a ficar sem tempo. Portanto... – continuou, claramente inquieta, oscilando de um lado para o outro.

– Nesse caso, toca a subir, querida. Posso dar-te boleia.

Olhou para mim como se receasse ser raptada caso entrasse na carrinha.

– Não, deixa estar. Tenho o carro mesmo ali à frente. Não há necessidade disso.

– Não há problema. – Nunca conhecera uma fêmea tão resistente à banal cortesia. – É o mínimo que posso fazer depois de quase te ter atropelado.

– Obrigada, mas...

– Ei, Cam! – Kevin apareceu do nada, em treino de corrida, passando por Avery. – Que andas a fazer, meu?

Estranhamente irritado, mantive-me focado na Docinho de Morango, resistindo à tentação de tirar o gajo do caminho com a carrinha.

– Nada de especial, Kevin, apenas a tentar ter uma conversa.

Avery acenou-me com a mão, contornou Kevin e a carrinha e foi-se embora. Seguia-a com o olhar, enquanto Kevin continuava a importunar-me com assuntos para os quais me estava nas tintas.

– Merda – resmunguei, recostando-me no banco.

Avery fugira *outra vez*.

E eu senti o impulso maluco de ir atrás dela.